

Com essa distracção, com que quasi sempre ollhamos para os objectos que nos são totalmente indifferentes, fo-lheava-o rapidamente, quando não sei porquo singular particularidade, de repente senti-me instinctivamente attrahida como por iman irresistivel para um d aquelles retratos, que representava um bello e sympathico moço.

Não sei dizer precisamente o tempo que empreguei em contemplar tão estranha physionomia para mim, mas que acabava de infiltrar me n'alma um quer que seja de inexpressivel.

Succediam-se os dias, e cada vez que eu folheava o album, para mostrar á alguma visita, as photographias dos amigos do meu tio, por uma singular casualidade, aquelle fatal retrato era sempre o primeiro que se me deparava.

Por muito tempo, fiquei em duvida se era o coração quem guiava-me a mão, ou se eu seria victima d'um desses caprichos da sorte, que parece zombar de todas as nossas providencias, o certo porem é que elle jamais deixava de apparecer ante os meus olhos, fazendo me sentir ao mesmo tempo, a impressão que recebera quando pela primeira vez o vi.

Por varias vezes tive impetos de perguntar a meu tio, sobre aquelle mysterioso retrato, mas a minha natural timidez, e além de tudo o receio de deixar transparecer o segredo dos meus intimos pensamentos, encadeiaram-me a voz.

Decorreram muitos mezes, durante os quaes sentira pouco a pouco apoderar-se de mim um sentimento vago, que não é bem tristesa, mas sim um certo receio, um sentimento indefinivel d uma infelicidade que ainda não se conhece, porem que já se advinha.

(Continua)

S. Paulo.

ANALIA FRANCO

Por circumstancias alheias á nossa vontade, sahio um pouco retardado o presente numero desta Revista, o que pedimos desculpas aos nossos bondosos assignantes.

Largo do Arouche n. 58

N. R.

Anno II — S. Paulo, 31 de Março de 1899 — N. 12

ALBUM DAS MENINAS

REVISTA LITTERARIA E EDUCATIVA DEDICADA AS JOVENS BRASILEIRAS

PROPRIEDADE DE ANALIA EMILIA FRANCO

Pagamento por semestre	PREÇO DE ASSIGNATURA, 55000 POR SEMESTRE	Num. avulso R\$. 15000
------------------------	--	------------------------

Notas sobre a educação feminina

II

N'este agitado periodo de irrequeieta oscillação, em que se debatem as mais graves questões e surgem os mais profundos antagonismos, progressivamente se accentua um problema capital — que é a reforma educativa, tendo por fim a reconstituição completa da organização social inteira. No seio dos povos que marcham na vanguarda do progresso, a esse respeito, opera-se uma reacção salutar, debil ainda, porém que deixa todavia advinhar uns vagos desejos de apegar dum modo gradual a desigualdade de cultura, causa intima da desigualdade social. Os paizes onde a personalidade individual é mais forte, a unidade nacional mais apertada, a civilização mais desenvolvida, diz um escriptor, são aquelles em que os principios educativos, objecto de attenção universal, estudados, ensinados de longa data, discutidos incessantemente como causas de interesse vital, estão mais perto de uma constituição scientifica.

Entre nós os paes e os preceptores começam a vêr que é necessario desenvolver intelligentemente as inclinações juvenis, por uma educação conforme com o espirito da

nossa epocha, e adaptada ás necessidades da civilização moderna. Entretanto apesar da tendencia universal dos espiritos para que as luzes sejam communs a todos, como é de justiça, apesar de que a democracia litteraria vae triumphando lentamente para a preparação dos conhecimentos na mais ampla esphera do mundo civilizado, ainda assim temos muito erro tradicional a combater e destruir.

Que admira pois no ultimo quartel do seculo XIX, quando a emancipação do povo fez da constituição uma lei de salvação publica, ainda se discuta si se deve ou não libertar a mulher da escravidão intellectual que a opprime?

Em quasi todos os paizes é invencivel o recio que existe de se dar á mulher uma educação mais vasta que lhe dê accesso a um mundo superior, que lhe communique as sciencias, as artes e todas as manifestações infinitamente variadas do pensamento reflectido.

Comentários

Neste ponto é tão formidavel a influencia da rotina estabelecida que por mais que se esforcem os seus zelozos propugnadores em mostrar á evidencia que a mulher moralizada, instruida, livre, conscia e sabedora dos seus direitos e dos seus deveres, corresponderia indubitavelmente á regeneração da familia, ainda assim por toda a parte pouco proselytos têm feito.

É' incontestavel que para a justa solução de qualquer problema social, economico, scientifico ou politico, os dados que se requerem são innumeros, variados, complexos e difficeis.

Alem disso, observa um illustre escriptor, as theorias que sobre elles se levantam nem sempre persuadem igualmente todos os espiritos; e ainda quando parecem demonstradas occorrem muitas circumstancias que as vem modificar, contrariar ou fazer duvidosas as suas applicações.

Emfim uma mysteriosa lei da natureza quer que os homens nascidos para derramar novas luzes entre os seus semelhantes, sejam quasi sempre perseguidos por elles. Os homens superiores offendem o amor proprio dos que não podem igualal-os; encontram os interesses de muitos; os inte-

resses e o amor proprio trabalham por vingar-se e fazem para este fim torpes allianças.

Se algumas verdades mathematicas têm causado perseguições aos seus descobridores, muito mais imminente é o perigo quando se trata de verdades que além de ser em si mesmas, menos evidentes vão tocar em mais extensos e mais graves interesses. »

Todas estas causas reunidas explicam sufficientemente a razão porque se tem retardado para longos annos o desenvolvimento, physico, moral e intellectual da mulher.

Assim é que a educação feminina entre nós, com algumas excepções, apenas modificada no que diz respeito á elegancia, á polidez e ao brilho social, mantem-se cívica de preconceitos e rica de insufficiencias, constituindo quasi no geral num saber de falso brilho, sem valor algum intrinseco, modelado pelo uso, pela vaidade e pela rotina, que é, segundo a expressão de um sabio, a religião que conta maior numero de devotos.

S. Paulo.

ANALIA FRANCO



ECCE HOMO!

« Eis aqui o homem! » disse o proconsul Pilatos ás turbas, apresentando-lhes na varanda do pretorio o joven de Nazareth todo chagado!... E as turbas responderam vociferando: « Crucifica-o! Crucifica-o! »

Quão dolorosa não deveria ser á sua natureza de homem aquella atroz ingratição do populacho! Elle, que, em todo o seu transito pela terra, tinha disseminado o amor, a

paz e o perdão!... E quando o odio dos escribas e dos phariseus o entrega á justiça da terra, todos o abandonam!

Todos, não! Pedro, a quem para exemplo de humildade lavára os pés, ousa negal-o; elle e os mais discipulos fogem; só fica um... um para representante de toda a humanidade: as mulheres não fugiram... ellas, sim... pois se eram mulheres!... ellas lá vão arrostando com os insultos da plebe, com as ancias do espectáculo, e uma d'ellas era a mãe! E' que nos corações feminis não se aninha a cobardia... ali ha valor para os transes da agonia; ha desprezo para as barbaras affrontas; ha sempre energia na manifestação dos sentimentos. E como o divino agonisante se não esqueceu de formular o seu intimo pensamento!

« Mulher, eis-aqui o teu filho! » como se dissesse: — « Mãe do Redemptor, acolhe em teu regaço amoroso os filhos que geraste na dôr do meu supplicio! » « Filho, eis-aqui tua mãe! » Homem sujeito ás misérias da vida, recorre áquella que, formada ao sopro das misericordias divinas, tem de ser, perante o throno, um vaso de propiciação.

O covarde proconsul poderia dizer ás turbas: Sim, eis aqui o homem que, em suas visões tradicionaes, descreveram os prophetas! Eis aqui o homem no qual se resumem todas as glorias do céu, todas as angustias da terra! O homem que, ha trinta e tres annos, soltou infante os primeiros vagidos no desamparo de um estábulo, e que logo depois recebe no regaço gracioso da joven mãe as homenagens de sabios e ancãos que lhe trazem offertas symbolicas!

Sim; eis aqui o homem que vem derribar a sinagoga, essa rainha de quarenta seculos! O homem que vem abater o polyteismo, esse tyranno orgulhoso da imbecillidade popular! O homem que vem dizer á philosophia: — « fecha os teus livros, porque as suas maximas são erradas; as verdadeiras são estas: as do Evangelho. » O homem, finalmente, que vem dizer ás paixões humanas; — « Emmudecei perante o meu exemplo! E vós, irmãos, amai-vos uns aos outros e sereis bons e justos, como nosso Pai quer que sejam. »

Salve, Cordeiro immaculado, martyr das nações; amigo incomparavel de toda a humanidade; a tua moral sublime e santa ha de prevalecer sobre todas as obras de philosophia terrena como prevalece a luz do sol sobre todos os luzeiros da immensa arcada dos céos.

MARIA J. CANUTO



A sempre-viva

Tenho guardada n'um cofre
Aquella flor que me deste
A sempreviva florsinha
Minha captiva fizeste.

Coitadinha já não vê
A luz do sol que a criou
Já não recebe da briza
A aragem que a basejou.

Já não recebe do orvalho
As gottas vivificantes
Que aos raios do sol brilhavam
Fulgentes quaes diamantes.

Perdoa-me ó sempre viva
O dar-te tão dura sorte
E sempre viva, em minh' alma
Vivirás até á morte.

Por sol terás es meus olhos
Não deixarei de te ver
E's sempre viva em minh' alma
Não poderá fenecer.

Por briza terás mil beijos
Que de continuo hei de dar-te
Meu pranto será o orvalho
De lagrimas hei de orvalhar-te.

E's sempre viva em minh' alma
Bem dentro do peito meu
Perdoa-me sempre viva
Perdoa a quem te colheu.

A Mulher



Filha ou mãe, mulher ou amante, irmã ou esposa, nós nunca lhes disputamos nem o primeiro affecto em nosso coração, nem o primeiro lugar em nossa casa, nem o primeiro dominio em nossa alma.

Nunca ouvireis em nossas conversações essas contendas sobre a superioridade de um sexo ou a inferioridade de outro, que em tantas circumstancias tem agitado a litteratura moderna.

As qualidades exclusivas do homem são necessarias para o trabalho e para a lucta, mas as qualidades da mulher são necessarias para a poesia e para o amor.

Entre nós, que creámos as virgens sem mancha de Murrillo calçadas pela lua e cingidas pelas estrellas, com as plantas sobre a terra e a fronte no ether, o sexo formoso vê reconhecidas por todas as qualidades da inspiração, da virtude, de affecto, de caridade, muito superiores sem duvida ás necessarias, mas rudes as qualidades do homem.

Entre nós é um dogma a idéa do amor, talvez, de todos os nossos poetas, a idéa calderoniana, de que si o homem é um mundo abreviado, a mulher é o céu desse mundo.

A mulher reserva sempre para si a primeira e a mais fundamental educação do genero humano, a educação do sentimento, porque a mulher recebeu na sociedade o sacerdocio mais divino e mais sublime da natureza, o sacerdocio de mãe.

De mim direi que, quando me contemplo, quando me examino e, sobre tudo, quando contemplo e examino com os olhos da consciencia os meus defeitos; quanto em mim se inclina para a terra e seus abysmos, quanto dentro em mim aborrece e combate, quanto é sombra e lucta e egoismo e soberba e orgulho, a mim o devo exclusivamente; emquanto que tudo aquillo que pôde haver em mim de bom, as cordas mais delicadas do meu coração, os affectos mais bellos

da minha vida, a compaixão affectuosa, a caridade ardente, o elvido e o perdão das injurias, o amor do bem e da honra dos meus semelhantes, o culto das idéas, tudo quanto pode elevar-me, engrandecer-me, converter-me, de um ser tão fraco e debil em um desses sefes privilegiados, cuja passagem deixa uma esteira luminosa e inextinguivel na historia, tudo quanto ha em mim de elevado e de grande, tudo eu devo a minha mãe.

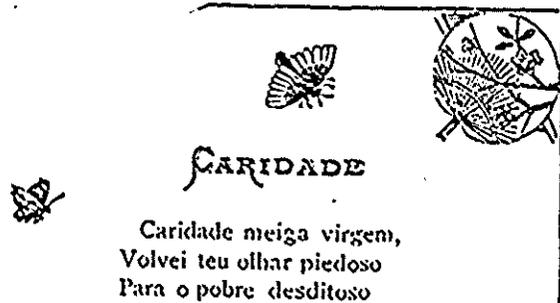
Para onde quer que volvaes os olhos onde quer que penetreis com o pensamento, no oriente, no occasso das civilizações, no berço e no sepulchro dos povos, nos paramos do idéal e nas tristezas da realidade fluctuando como uma estrella sobre os campos de batalha, e apparecendo como uma luz divina sobre os céos da arte, a mulher dá sempre a vida o seu mel mais saboroso, a poesia o seu matiz mais delicado, ao coração toda a magia do seu encanto, á dôr o seu balsemo mais reparador e ao enthusiasmo o seu fogo.

Vede-as: Exa, no crepusculo matutino da vida, no berço do genero humano; a sacerdotisa chamada estrella dos mares no cume do Sinai com o cantico da liberdade de Israel nos labios perfumados pelo incenso dos desertos: Helena sobre o sepulchro de Troia ou Ephigenia sobre o berço da Grecia, inspirando aos sacerdotes que fundam Roma a idéa do direito; Laecia a idéa da igualdade, ao pé da cruz, onde as revela o novo Deus, Magdalena representando a humanidade regenerada pelo arrependimento; a ao pé do sepulchro, onde se dissolvem os antigos deuses, Hypathia repetindo os queixumes da alma da natureza, que se evapora nos ares: entre as sombras da idade media, os olhos de Beatriz, que levão o céu da esperança ao inferno do feudalismo e entre os horrores da guerra universal e implacavel amor de Heloisa.

Na renascença: junto de Petrarcha, Laura; junto de Raphael a Fornarina junto do grande solitario, parecido no seu isolamento ao deus dos semitas; junto de Miguel Angelo, austero como os prophetas, o amor platónico e idéal da Victoria Colonna; e em nossos dias, desde a pobre Margarida, de Fausto, que passa de innocencia ao peccado pelo

amor e do peccado ao céu pela oração até a pobre senhora que passa dos sonhos da revolução aos horrores da guilhotina, todas representam o ideal que tortura, o amor que desassocega e eleva a perpetuidade de sua dôres, a forma eterna de nossas artes, o coro immortal de nossas idéas, coro divino daquellas que, com os pés rasgados pelos espinhos colhidos nos caminhos escabrosos da vida e com as vistas perdidas nos esplendores do céu, recolhem as lagrimas do genero humano, e lhe enviam em troca, o fogo da fé a luz da inspiração e da esperança.

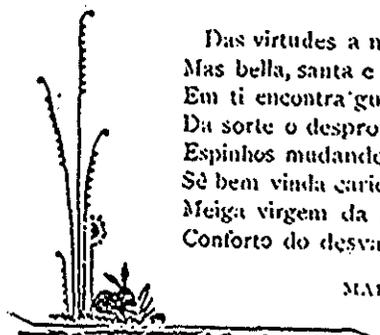
EMILIO CASTELAR



CARIDADE



Caridade meiga virgem,
Volvei teu olhar piedoso
Para o pobre desditoso
Que não tem pão, nem calor;
Aquece em teu seio puro,
E afaga com teu carinho,
O desherdado orphãosinho
Que por mãe só tem a dôr.



Das virtudes a mais nobre,
Mas bella, santa e querida,
Em ti encontra guarida
Da sorte o desprotegido;
Espinhas mudando em flôres
Sê bem vinda caridade,
Meiga virgem da piedade
Conforto do desvalido.

MARIA FRIO

Impressões de M. Boy

Ao deixar-se a cidade de S. Paulo, caminhando-se sempre para o poente, ha algumas leguas, depara-se-nos por entre suavissimas paisagens de um bucolismo encantador, a insignificante freguezia de M. Boy, caracterizada apenas por um vetusto convento, fundado pelos jesuitas e anexo a antiga igreja de Nossa Senhora do Rosario, que é padroeira da localidade.

Essa decadente freguezia, que no geral os naturaes e os habitantes dos arredores só conhecem pelo nome indigena de Jambu, estende as suas casas denegridas e obsoletas, no meio de um oceano de verdura.

O riacho que lhe passa ao pé, corre tumultuosamente formando pequenas catadupas a despenharem-se de fraga em fraga, por entre a viçosa vegetação das cercanias.

Domina a freguezia um extenso e profundo tanque, obra que tambem se attribue aos jesuitas, e onde, segundo uma antiga tradição alli transmittida de paes a filhos, elles lançaram fabulosas riquezas.

O convento, porém, que está hoje reduzido a tristes ruinas, assim como a igreja são notaveis no tocante á sua respeitavel antiguidade, mas nenhum interesse offerecem quando queiramos apreciar-os sob o ponto de vista artistico.

E' este um edificio de um só andar com raras portas e janellas, sendo a fachada de um estylo muito pueril.

Diz-se que, em outros tempos, longas e assombradas alamedas corriam em todos os sentidos dando uma suave frescura ao edificio que era então circumdado por bellos jardins, onde as mais lindas flores e as rosas trepadeiras alegravam a vista e deliciavam o olfacto com as suas corollas perfumadas; hoje nada disso existe.

A matta foi arrancada, os jardins devastados, e quasi todos esses terrenos estão cobertos de silvas e espinhos, ao

passo que o convento e a igreja, pela acção do tempo, vão se demolindo obscuramente pouco a pouco.

Ao penetrar-se na igreja, cousa alguma se nos offerece de notavel, a não ser os seus dourados executados no tecto em estuque, com uma admiravel perfeição; mas completamente estragados, e que muito contribuem para escurecê-la, conservando-se em bom estado apenas os da sacristia.

Todavia, a sua apparencia triste e sombria inspira a melancolia nostalgica, a mysteriosa saudade dessas epochas remotas que parecem evolar-se do centro das ruinas.

Uma tradição secular, alli fortemente arraigada assevera que todo o ouro empregado no douramento da igreja fôra trazido pelos indigenas que lhe sabiam o caminho do celebre morro do Botucavari, o qual fica na serra dos Itatins, ou aquem da serra da Marinha, nos vastos sertões que se estendem entre a cidade de Iguape e as villas de Una e Piedade.

Os habitantes da freguezia e das suas circumvisinhanças, cuja existencia parece escoar-se tranquilla na primitiva singeleza dos costumes patriarchaes, comprazem-se em povoar supersticiosamente essa montanha, de entes sobrenaturaes que possuem o condão de mudar de fórmas e que têm por habitação sumptuosos escondrijos forrados de ouro e de diamantes nas entradas do Botucavari.

Deixando, porém, de parte estas ficções poeticas e de elemento maravilhoso, que mais ou menos opulentam as narrativas populares, venho simplesmente fallar a respeito da impressão melancolica e profunda que experimentei no interior desse edificio, outr'ora consagrado á clausura, ao cilicio, á meditação e ao ascetismo.

O seu aspecto pesado e severo, as suas galerias longas e humidas, o silencio profundo daquelles muros derrocados, interrompido de quando em quando pelo clamor do vento, as suas cellas sombrias e tristes, os seus lobregos quartos, ao rez do chão, o segredo das sombras adormecidas nos intimos recessos dessa especie de calabouços, onde jamais penetrou a luz do dia; enfim, todo esse tetrico conjuncto dá ao edificio uma apparencia lugubre, mysteriosa, quasi phantastica.

Alli nada se nos antolha para turvar-nos a idéa de solidão que nos succitam as condições dessa triste mansão que possui o dom maravilhoso de reanimar ante nós as esmaecidas sombras dos ominosos tempos de obscurantismo e barbaria.

E fica-se longo tempo a scismar, evocando na imaginação em toda a plenitude, as tristes reminiscencias desses dramas mysteriosos, ou antes verdadeiras tragedias de agonias e de crimes, indescriptiveis scenas que nos recordam o tremendo espectaculo das fogueiras inquisitoriaes, nas eras de intolerancia religiosa.

O ruido surdo do vento pelas fendas das paredes abaladas ameaçando ruinas, alli repercute tristemente, trazendo-nos á imaginação a idéa dos gemidos das victimas nas ancias da tortura.

Esse vetusto edificio poderia talvez — si as paredes fallassem — contar os dramas occultos que presenciou em outras epochas, segundo as lendas sangrentas que a imaginativa popular alli nos entretece, mas atravez do silencio profundo que o domina, atravez do seu incontestavel cunho de tristeza, apenas resurgem vividas as recordações historicas que suscita e o pensamento doloroso de não sei que vaga e mysteriosa tristeza — tudo isso, porém, conspira-se unisono para que difficilmente se possa esquecer as impressões que essas ruinas despertam em nosso espirito.

S. Paulo.

ANALIA FRANCO

UMA VIDA MODELO

IX

Nas leis do Levitico havia uma que prescrevia a purificação das mulheres hebréas quarenta dias depois do parto, e outra que todos os primogenitos fossem apresentados no Templo e offerecidos a Deus, em memoria da morte dos do Egypto, feridos pelo anjo, na occasião da sahida dos Israelitas: Os que pertenciam á tribu de Levi eram destinados ao serviço do

Templo. Como para dar-nos um rarissimo exemplo de humildade e obediencia as leis, Maria Santissima partindo de Bethelém com seu esposo e filho, foi a Jerusalem cumprir os deveres preceituados ás filhas do Siao. O santo sacerdote Simeão e santa Anna prophetisa, que tinha sido mestra de Maria de Nazareth, esperavam anciosamente a vinda do Messias, pedindo a Deus que não lhes tirasse a vida sem primeiramente vel-o. Guiados por inspiração divina foram n'esse dia ao Templo, quando Maria e Joseph penetravam no recinto, levando a humilde offerta que se exigia então dos pobres, a qual consistia em duas pombas ou duas rolas. Illes entregarem conjunctamente o ouro, incenso e myrrha que tinham recebido dos reis magos.

Simeão e Anna conhecerem a Virgem entre muitas mães que vinham apresentar-se. Tomou o sacerdote o menino nos braços e levantando os olhos ao céu transportado de ineffável jubilo, offereceu-o a Deus entoando um suave cantico que dizia assim « Agora é, Senhor que despedes o teu servo em paz, segundo a tua palavra, porque os meus olhos viram o Salvador que nos deste, e que aparelhaste ante a face dos povos, como luz de todas as nações e gloria do povo de Israel! » Em seguida tendo abençoado a S. Joseph e Maria Santissima, entregou o menino. De repente voltando-se para a Virgem disse-lhe com um accento commovido, e como que inspirado pelo dom da prophacia.

— Este menino, senhora, será a ruina e a salvação de muitos em Israel e alvo de muitas contradicções; será tambem uma espada que traspassará a tua alma, afim de se descobrirem os pensamentos que muitos escondem no coração.

Muito mais ainda disse santa Anna prophetiza, e com tão irrefragavel testemunho, ficou certificada a vinda do Messia.

Ouvindo estas subitas revelações das ignominias e agonias que aguardavam a aquelle filho extremadamente amado, a organização delicadissima de Maria Santissima fez lhe sentir com a maior intensidade todas as amarguras que lhe estavam reservadas.

Comprehendeu então que os maiores homens de uma nação são os que ella entrega á morte, e que seu filho que ia ser a gloria do povo de Israel seria por elle crucificado.

N'esse instante com uma nitidez aterradora, como em scenario phantastico via desenvolver-se ante seus olhos, por entre o crepusculo do futuro, emquanto contemplava nos braços o filho querido, os dias da sua infancia feliz, de sua juventude cheia de glorias, e finalmente pallido, horrivelmente desfigurado, expirando no meio das torturas do Calvario.

Oh! a essa evocação angustiada sentiu confranger-se dolorosamente o coração diluindo-se-lhe os olhos em lagrimas!

Tendo cumprido todos as determinações da lei, voltarão os santos esposos para a Galiléa, retirando-se á cidade de Nazareth, onde continuaram a sua vida placida e tranquilla. Desde porem da revelação de Simeão, ficou nos olhos de Maria Santissima, feição dominante do seu rosto, sob um véo de resignada tristeza, a profundidade d'uma inextinguivel dor.

(Continúa)

ANALIA FRANCO



INESILIA

II.

Por singular fascinação em presença d'aquelle retrato esquivia tudo, o presente, o passado e o futuro; meu pensamento concentrava-se em uma unica idéa — vel-o, haurindo n'esse contemplativoextasis, um não sei que de suave, que tinha para mim um encanto inextinguivel.

Entretanto a suave placidez do meu viver até então feliz e tranquillo, começava paulatinamente a ir desapparecendo; e eu abismada em estranha melancolia, deixava-me arrebatada pela corrente vagarosa dos mais tristes pen-

samentos, permanecendo assim horas e horas sem avaliar o tempo. Reflectindo seriamente, julguei-me victima de uma allucinação. Isto é uma loucura, um desvario sem nome, dizia eu a mim propria, e contudo não posso, e nem sei como impor leis ao coração.

Foi em vão que tentei arrancar do seio a importuna imagem que me roubara o socego, e os esforços inauditos que fazia não bastavam para apagá-la. Meu tio, que começou a notar a minha tristeza e abatimento, os quaes attribuia aos aturados estudos do collegio, e sollicito em promover alguma distracção que dissipasse os meus pezares, enviou-me para a Tijuca, n'um sitio onde residia a familia Magalhães, com quem ha alguns annos entretinha relações amistosas. Nesse tempo, se manifestara o rompimento da guerra entre o Brazil e o Paraguay, guerra que havia de eulutar tantos corações, derramar tantas lagrimas e tanto sangue. O amigo de meu tio, o senhor Magalhães, devia partir para o Paraguay, e só esperava o regresso de um sobrinho seu, que se achava em Minas, o qual tinha de acompanhar-o. A viagem devia realizar-se cinco semanas depois da sua volta, e D. Eudoxia esposa do Sr. Magalhães, que me referiu tudo isto, tencionava tambem segui-los.

Havia decorrido uma semana, que me achava na minha nova residencia, e a qual os seus amaveis donos, buscavam todos os meios de torná-la cada vez mais attractiva, quando o acaso ou não sei que força ignota que tanta influencia exerce sobre os nossos destinos, fez com que eu pela primeira vez fosse a uma sala, onde o senhor Magalhães, que era em extremo apaixonado pela caça, guardava varios petrechos para esse fim.

Ficava esta sala nos confins da casa, o que a tornava um retiro socegado, e alli via-se pendentes das paredes, varias pelles de animaes, e paisagens bellissimas,

emolduradas em magnificos quadros, alguns dos quaes representavam as peripecias mais importantes da caça. Excitada por natural curiosidade, entregava-me ao grato prazer de examinar minuciosamente aquelles objectos novos e desconhecidos para mim, quando em um dos angulos da sala, vi surgir como se fosse uma visão phantastica, o mysterioso retrato, que tanto me impressionara, e que agora em tamanho natural achava se alli, emoldurado em um grande e dourado painel. Naquelle instante, eu o confesso francamente, senti uma especie de terror supersticioso, parecendo-me que alguma mão mysteriosa alli o collocara propositalmente; só com o fim de perseguir-me

Como o astronomico que procurasse descobrir a estrella occulta sem o poderoso instrumento optico que centuplica o alcance da vista, assim na confusão das minhas idéas, com os olhos fixos n'aquelle impassivel painel, debalde interrogava em silencio o segredo da sua imprevista aparição.

Por muito tempo teria permanecido n'aquella especie de immobibilidade inconsciente se uma voz totalmente desconhecida para mim não me viesse desportar:

— Conhece-o minha senhora?

Voltei immediatamente a cabeça, como se fosse apanhada em flagrante delicto, e ia responder ao meu incognito interlocutor, quando ao vel o deixei escapar um grito de surpresa e terror...

Achava-me inesperadamente em face do original do retrato, que eu com tanto embevecimento acabava de contemplar.

Foi então, que experimentei a vertigem de quem subitamente resvala em abysmos desconhecidos, e sem duvida teria cahido, se me não amparasse junto a um movel.

O moço, que ao principio parecia agradavelmente surpreendido da minha confusão e enleio, mostrou se por fim inquieto ao ver-me em extremo perturbada.

Procurando tranquilizar-me, com toda a urbanidade,

pediu-me desculpas relativamente ao susto involuntario que me tinha causado, e só retirou-se, quando me julgou completamente socegada.

Poucas horas, apoz aquelle tão inesperado encontro, soube que o moço que tamanha influencia exercia sobre o meu coração, era o sobrinho do senhor Magalhães; o mesmo que se achava em Minas, d'onde chegara havia algumas horas, e quasi sem ser esperado. Orphão de pae e mãe Agenor, que assim se chamava elle, desde a infancia tinha sido entregue ao tio e as excellentes qualidades de que era dotado attractaram-lhe todo o affecto não só d'este, como de sua esposa que adorava o, como se fora seu proprio filho.

A nobre emulação que se tinha manifestado por occasião da guerra com o Brazil e Paragua; e que fizera com que muitos bravos se alistassem nos corpos de voluntarios, excitara tambem os brios patrioticos de Agenor, o qual ambicioso por figurar o seu nome entre dos heroes que se immortalisaram nas façanhas guerroyras, se offereceu para marchar com o tio. A esta ultima nova, senti confranger-se-me o coração, e não sei que sombria tristeza espalhou-se sobre a minha felicidade; era talvez o prenuncio da desgraça que me aguardava.

Volvidos alguns dias, nos quaes frequentes vezes me encontrava com Agenor, uma tarde senti revelar-se-me, como uma aurora de felicidade, a recente inclinação que tinha por mim, e que supprahia occulta a todos os olhos.

Julgando tel-o advinhado, por um instante esqueci as minhas tristes apprehensões, e mebriceime nas doces illusões do primeiro amor correspondido, e que se me apresentava agora atravez de um dourado prisma.

Era amada!... Toda penetrada d'esta deliciosa, idéa, experimentava ás commoções doces e agradaveis, do sentimento intimo que me extasiava.

Debalde a razão me suggeria, que podia ter-me enganado, porque a timidez o o receio conservavam-n'o sempre em distancia reservada, sem que uma só palavra ou phrase desvendasse, ou explicasse o que sentia; mas as nossas almas tinham-se comprehendido, era quanto bastava-me.

Entretanto os seus olhos negros, expressivos e mais eloquentes do que tudo quanto elle me poderia dizer, fixavam-se muitas vezes em mim, com uma tão inimitavel expressão de ternura e melancolia, que profundamente impressionava-me.

Se bem que lisonjeada por estas demonstrações de affecto, e pela extraordinaria emoção que a minha vista causava-lhe, a qual só a custo podia dissimular; o meu coração contrangia-se á implacavel e persistente lembrança da nossa proxima separação. O proprio Agenor, por mais alegre que se mostrasse, conservava sempre uma sombra de melancolia que parecia impossivel desvanecer-se.

Como um fio electrico, a sua tristeza se transmittia a mim: por mais que eu tentasse dissipal-a, se fugia um instante de novo voltava, e qual ave da phenix, renascia das suas cinzas, para opprimir-me amagurando os curtos momentos de ventura, que ainda me restavam.

Tinham-se decorrido seis semanas, depois do que acabo de descrever, e o terrivel dia da partida chegara finalmente. Quasi todos os amigos do senhor Magalhães, o foram acompanhar até ao embarque: meu tio e eu não nos dispensamos deste triste dever. Após os ultimas despedidas, Agenor que mal podia represar as lagrimas, correu para

mim, e cingindo-me nos braços, pallido e tremulo, pela primeira vez murmurou aos meus ouvidos o sagrado juramento de um eterno amor. Em seguida, fugiu rapidamente, deixando ao mesmo tempo escapar n'um gemido surdo e abafado, um adeus supremo.

Por um d'esses presagios indefiníveis, que como lampejo fugaz nos desvenda vagamente o porvir, Agenor, havia presentido a morte que nos ia separar para sempre, e por isso envolvendo-me n'um profundo e longo olhar, dissera me aquelle ultimo adeus, que penetrando-me até o intimo d'alma, feria ao mesmo tempo os meus ouvidos, julgando escutar em cada vibração de sua voz um harpejo de estranhas angustias.

D. Eudoxia, mais feliz do que eu acompanhara seu marido e sobrinho; quanto a mim com o coração dilacerado pela mais pungente angustia, logo que os perdi de vista, caí nos braços de meu tio, banhada em lagrima. Ah! como eu desejava ter junto a mim minha querida mãe! Voltando para a casa de meu tio, a minha intensa melancolia augmentava a tristeza d'aquella habitação solitaria. O meu estado de abatimento e fraqueza, não me permitia voltar ao collegio, e muito menos emprehender viagem para um paiz distante. Advinhando meu tio a causa da minha profunda magoa, empregava todos os seus esforços para distrahir-me: e apesar da sua mediania, era tão grande a dedicação que tinha por mim, que nada poupava; o menor dos meus caprichos era immediatamente satisfeito; mas tudo em vão. Por fim, tinha resolvido mandar vir minha mãe, quando uma terrivel e imprevisita molestia o prostrou no seu leito de morte, expirando poucos dias depois.

Como era de prever aquelle fatal golpe, que me fora cruchmente vibrado, achando-me em estado de extrema

fraqueza, causou me tão profunda dor, que por muitos dias estive entre a vida e a morte.

Uma familia conhecida, tomou me debaixo de sua protecção; e graças aos cuidados que me prodigalisara, comeccei a experimentar sensiveis melhoras. Comquanto me achasse ainda assaz abatida, nem por isso deixava de ler todos os jornaes do dia, e mui particularmente aquelles que descreviam os acontecimentos da guerra do Paraguay; os quaes muitas vezes arrancavão me sentidas lagrimas.

Uma manhã em que me erguera mais triste que de ordinario, tinha apenas começado a minha habitual leitura, quando subitamente senti vergurem-se-me os joelhos, ao passo que um suor frio inundara-me o rosto. — Havia encontrado o nome d'elle, mas entre os heróes que succumbiram, regando com o sangue o solo da patria.

Não me foi possível continuar; o fatal periodico escapou se-me das mãos; uma nuvem escura passou me pelos olhos, e caí sem sentidos, n'uma crise nervosa, terrivel e longa.

Ignoro absolutamente o tempo que permaneci nesse triste estado; só o que sei, é que abrindo um dia os olhos, reconhecí estar bem longe da corte. Achava me pois na pobre casinha de minha mãe, aqui no meu torrão natal.

Ella — coitada! — estava assentada junto ao meu leito, e fitava me com esse sorriso tão terno, e tão acariador, que só as mães sabem ter. Após alguns instantes, durante os quaes olhava com admiração para tudo quanto cercava-me comeccei a evocar todas as minhas reminiscencias, e pouco a pouco ia me recordando vagamente de tudo quanto se tinha passado; da familia caridosa que me acolhera, da minha longa enfermidade e finalmente da viagem

que havia feito, sendo conduzida para alli, por um velho amigo do meu tio, a quem a familia onde me achava incumbira de acompanhar-me. Tudo isto apresentava-se á minha imaginação como um sonho vago, longinquo e do qual após muito tempo, apenas se conserva uma imperfeitissima idéa.

* * *

Em seguida, como se me sentisse subitamente ferida de uma aguda dor, por um movimento rapido e instantaneo, saltei do leito, e comecoi a vagar pelo quarto em uma especie de allucinação nervosa.

Tinha me recordado de Agenor.

O universo inteiro resumia-se para mim naquella ente adorado, e que agora apparecia-me como uma sombra esqualida, como uma visão intangivel, pallida e illuminada pelo amargo sorriso da ultima agonia. O seu olhar profundo e triste seguia-me... e segue-me ainda, com uma persistencia tenaz e implacavel; parecendo ouvir ao mesmo tempo como n'um estertor de moribundo o seu adeus supremo. Ah! elle não me-hia de esperar muito tempo, porque já presinto hevi perto, o sopro gelido da morte!

* * *

Enquanto febril e desvairada, passeiava pelo meu quarto, sem encontrar uma só palavra para agradecer á minha pobre mãe, o seu ardente zelo, a sua constante sollicitude; a infeliz envolvendo-me em um olhar profundamente contristado, deixava correr pelas faces dons fios de lagrimas silenciosas. Na minha fronte livida, e onde se estampara o lugubro ferrete da morte, em vez de prantos, eu sentia apenas o suor frio das agonias. Meus olhos estavam seccos, como se o coração tivesse haurido a fonte das minhas lagrimas.

Na profunda escuridão da minha alma, dilacerada pelo pungitivo soffrer de tantas angustias, já nem o santo e immenso amor de minha mãe, podia derramar um só lampejo de esperanza!

* * *

Tanto tempo se tem passado, meu Deus!... Desde a ultima pagina que escrevi; hei soffrido tanto!... tanto, que já nem forças tenho para sustentar a penna é que, a passos largos approxima-se a minha ultima hora.

Dizem todos que estou louca...

E, quem sabe talvez?... O desalento e a dor confrangem-me o coração por tal modo, nestes instantes que me restam entre a desesperação e a morte, que sinto vertigens terriveis que me desvairam!... Febril e anciosa, só espero despir este involuero fragil, para reunir-me áquella a quem amo... Ah! sinto que já não posso mais!... Como tem sido tão prolongada e atroz esta agonia!...

Muitas semanas se tem decorrido, após a leitura, das tristes paginas escriptas pela inditosa Inesilia; paginas que me arrancaram tantas lagrimas, e que me deixaram n'alma, uma tristeza tão profunda, que o tempo que tudo apaga e destroe, ainda não conseguiu extinguir.

Em uma tarde, quando a meia luz, pallida e fugitiva do crepusculo começava a desmaiar, resolvi a ir visitar o pequeno cemiterio da villa de ***. Os tons do dia dando laivos de tristeza a aquella mansão sepulchral, augmentavam a saudade e melancolia de que me sentia possuida, ao transpor tão sombria morada. O seu lugubre aspecto, o profundo silencio dos mortos, interrompido apenas pelo ruido longinquo das vagas, que pareciam entoar elegias no seu melancolico murmurio, despertavam-me n'alma as mais tristes e dolorosas recordações. Através das sombras do crepusculo, avistei dentre as cruces singelas, d'onde pendiam corôas de goivos e perpetuas, a humilde sepultura da desditosa Inesilia.

A terra, achava-se alli revolvida de fresco, e juncada de flores murchas, ao redor d'uma tosea cruz de pau, unico tributo a memoria da inditosa moça, que ha quinze dias repousa no seu eterno somno.

Após alguns segundos, de muda e angustiosa contemplação, meus olhos encheram-se de lagrimas, á lembrança da infeliz joven, que como a flor batida pelo tufão da desventura, ainda na alvorada da vida, tombara sobre o frio leito da morte; mas a sua alma que tanto amara na terra, sem duvida tinha voado para o céo, unida talvez a de seu amante, assim de viver, uma no regaço da outra. Deixando correr livremente o meu pranto, sobre a sua sepultura, como o mavioso poeta de Graziella dizia com movida:

Sob espinhosos arbustos,
Entre a pallida verdura,
Jaz a sua sepultura
Ao pé das ribas do mar
Alva flor na primavera
Alli vez ja um instante
Mas o vento sibilante
Em breve a vem desfolhar!

Soltando ternos modilhos,
Sobre flexivel raminho,
Um sandoso passarinho
Desprende a voz infantil
Diz: oh flor qu'assim fechaste
O teu seio pudibundo:
« Não existe acaso um mundo
Onde fulgo eterno abril? »

E' natural que me perguntem o que foi feito da pobre Flavia? A sua dor tinha sido terrivel, sobrehumana, mas o poder sagrado e benefico da religião que ella amava com o fervor dos antigos ascetas, derramara-lhe n' alma a santa resignação dos martyres.

ANALIA FRANCO

— ADOÇÃO —

Lá nas brumas do poente,
Já descamba o astro do dia,
E um sabiá plangente
Desprende suave melodia,
No ramo em que pousava,
Alli bem perto ficava,

A janella gradeada,
De sombria prisão,
Onde triste jazia então
Uma doida encerrada.

Toda de branco vestida
Estava ella a meditar,
E uma emoção dorida,
Vinha-lhe o seio agitar;
Ouvindo a canç o d'amor,
Qu' entoava o terno cantor,
Nos molinhos queirosos,
A pobre louca chorava:
O seu pranto rebrilhava
Nos negros olhos formosos.

Depois ergue a fronte mimosa,
Luda de lagrimas banhada;
E suspirando saulosa,
Diz com voz entrecortada:
« Oh! sobiú mavioso!
O teu canto harmonioso,
Me vem n' alma recordar,
Tanta esperanza sonhada,
Tanta ventura gozada.
Lá no meu querido lar! »

« E' louca! Diz a multidão,
Olhando-me enternecida
Aqui das grades da prisão,
Onde me vejo delida ...
Não, não — ella mente
E não diz o que sente;
Eu inda não m'esqueci,
D'essa quadra florida,
Tão suave vivida,
Na selva onde nasci! »

« Oh! minha suave mocidade!
Que tanto me alentavas,
Onde está a felicidade
Com que a mente m'assagavas!
Quando inda nas selvas,
Sentura-me sobre as relvas
Do mais virente maliz;
Ao ouvir das canoras aves,
Tantos endecios suaves
Me julgava tão feliz! ... »